



le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

DISCURSO

DO

DR. JOAQUIM NABUCO

PRONUNCIADO

Na kermesse organizada pela comissão central da Cruz Vermelha

A FAVOR DOS FERIDOS

NA

GUERRA CIVIL DO RIO GRANDE DO SUL

A 2 de Julho de 1893

NO

CASSINO FLUMINENSE

RIO DE JANEIRO

Typographia do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C.

1893

Senhoras e Senhores.

Estou certo de que o movimento popular de sympathia pela revolução Rio Grandense ha de ter produzido em todos vós a esperança de que, apezar de separações profundas, o coração brasileiro achará sempre que se trate de sua humanidade, modo de vibrar por algum sentimento que escape a toda coacção imaginavel.

Pedirão-me para fallar esta noite sobre a caridade, e obedeci ao convite irrecusavel pela sua procedencia e pelos seus motivos; mas não vos parece que não é de caridade que se trata? Brasileiros que recolhem brasileiros feridos no campo de batalha não fazem o papel do bom Samaritano; praticão um acto de solidariedade nacional. Eu julgo assim poder occupar-me do assumpto que está em todos os pensamentos, sem esquecer, sobretudo nesta tribuna neutra, o que devo ao meu proprio retrahimento politico. Não chegou, com effeito, o dia em que os politicos do antigo regimen que não repudiárão o seu passado possão manifestar-se em nenhuma questão, sem prejudicar o lado que abraçarem. Essa é a verdadeira morte civil que pesa sobre elles, porque nenhuma paralyisia é mais invencivel, ainda que nenhuma seja nem mais subtil para todo aquelle que seate as suas responsabilidades intellectuaes, do que o receio de tornar suspeita com a sua sympathia a liberdade, o direito ou a justiça.

Por isso tambem ha tres ou quatro annos que me quero habituar a acompanhar as cousas do nosso paiz apenas com esse interesse especulativo com que o historiador no meio da sua bibliotheca se apaixona pelas figuras e lutas do passado.

« Como, porém, se hesitais em pronunciar-vos em causas do interesse publico, vos manifestais nesta ? » Por uma simples razão : porque esta já atravessou a phase em que as causas em litigio podem receiar suspeitas e intrigas. Ella sómente corre hoje um azar, o do campo de batalha.

Outros dirão tambem : « Se nada esperasseis desse movimento, não sentirieis sympathy por elle. »

Que esperavamos nós, por exemplo, da victoria dos Congressistas Chilenos ? Que esperava o mundo da liberdade da Grecia, de Veneza, dos Estados do Danubio ? Neste caso, como nos outros, é a propria emoção do drama representado perante nós que nos subjugamos como espectadores. A platéa não precisa de outro guia senão do seu proprio instincto para descobrir a figura que domina a scena. Quem descouhecerá o protagonista historico do drama que se desenrola actualmente sobre as coxilhas e campos do Rio-Grande ?

Os que condemnão a revolução politicamente por certas apprehensões, os que induzem o seu programma, a sua bandeira, a sua resultante final do ascendente deste ou daquelle personagem, possuem um sentido mais fino que o dos rastreadores da Pampa, porque julgão de um tropel distante por um rasto que ainda não existe. Para mim a conclusão a que cheguei em materia de previsão politica é que os acontecimentos não são a ferramenta de quem os fabrica, mas de um poder occulto, do imprevisito. Politicamente, a revolução é um corpo amorpho, é um puro movimento reflexo, o esforço que o organismo ao qual falta o ar faz para respirar.

Podemos, pois, deixar de lado os aspectos politicos da revolução para estudar as causas da sympathy que ella inspira. Para isso é preciso começar por afastar as prevenções que se levantão contra ella.

A primeira é que ella veiu comprometter a paz publica. A verdade é que ella irrompeu de uma situação

profundamente conturbada já e na qual os governos se succedião como as lavas de uma cratera. O Rio-Grande exactamente por ter tomado a iniciativa de resistencia ao golpe de Estado devia ser o Estado onde a acção politica do centro chegaria mais tarde. A individualidade Rio-Grandense sentia que devia manter-se intacta mesmo por se haver mostrado necessaria á defesa das fórmãs republicanãs contra accessos periodicos de dictadura. Acima de tudo, vós vos recordais, o que ferio o coração brazilei o forão as scenas de sangue de Porto-Alegre e outras que forão explicadas como uma retaliacão contra atrocidades semelhantes do lado contrario. Isso e a confesar que o Rio-Grande era uma Corsega politica, onde só havia de p^o a lei da *vendetta*, Não havia, pois, ordem publica. Quando mesmo houvesse, os Rio-Grandenses podião aspirar a outra especie de ordem.

O periodo critico do novo ensaio de governo são exactamente estes primeiros annos. Que especie de ordem brotará neste solo da semente eixecutada que lhe confiãõ ? Será a ordem que alastra a America Latina ? Eu tenho ouvido por vezes, na Europa e em paises americanos, o que o estrangeiro deseja para elles. E' muito pouco : saber que o homem forte que uma vez ahi surgiu não desapareça mais. E' assim que o Mexico inspira maior confiança do que as outras republicas, por causa de Porfirio Diaz. Esse homem nem sempre apparece ; a sociedade debilitada não os póde ás vezes produzir, mas onde elle se mostra fórma-se uma dictadura espontanea em seu favor, provocada de fóra pelo credito, de dentro pela ordem publica. Ninguem mesmo póde fazer-se juiz das condições que elles impõem para se responsabilisarem pela paz publica, é um pacto tacito entre elles e a communhão que renuncia a liberdade para ter a ordem.

E' natural, porém, que o Rio-Grande não se contente com essa baixa transacção, que se tornou normal em

tantos paizes. A condição do nosso sólo é privilegiada, como a do Chile, por cincoenta annos de cultura liberal; temos elementos de liberdade, mesmo no exercito e armada que só fizerão guerras de libertação, que não pódem desaparecer de repente. A ordem que o torrão brasileiro deve querer produzir não póde ser a planta que cresce estéril na America Latina, e sim a que na America Saxonia dá a liberdade como fructo. Renan figura uma hypothese: Supponhamos as laranjeiras affectadas de uma doença que só se possa curar impedin-do-as de produzir laranjas. Valeria acaso a pena? Eu direi tambem: Supponha-se a ordem affectada de um mal que só seja curavel impedin-do-se-a de produzir a liberdade, valeria a pena? Para mim haveria muito pouco interesse, fallando como brasileiro, não como estrangeiro, em salvar a ordem que não pudesse dar a liberdade senão como seu fructo, ao menos como a sua flor.

O receio de perturbar a ordem é um justo receio, mas tem limites naturaes. A guerra civil Chilena não fez o mesmo mal ao credito exterior nem ao organismo interno do Chile que fez á Republica Argentina, por exemplo, a acquiescencia docil á sua ruina financeira. O papel que o Rio-Grande parece querer representar no processo difficil da fundação republicana é talvez o de impedir que o metal fundido corra todo de um jacto para um molde definitivo insufficiente para recebe-lo todo, porque nelle não vai sómente a ordem extremamente contratil, vão instinctos e tradições de liberdade que nunca deixarão de expandir-se entre nós.

Outra prevenção é que as victorias são ganhas contra o exercito. Ninguém lerá sem pezar as noticias de baixas e soffrimentos nos quadros do nosso exercito. Ha porem nas guerras civis uma terrivel divisão de sentimentos no coração do soldado. Na guerra estrangeira o seu sangue lhe parece pouco para dar pela causa do

paiz. Na guerra civil elle muitas vezes, porém, combate por obrigação contra uma causa que como cidadão deseja ver triumphar. E' por isso que nas guerras civis se devera enrolar a bandeira.

Na federação, porém, a anomalia é maior. Todos sabem como os Sulistas cobrem de flôres os tumulos dos seus grandes soldados da guerra de separação. São elles os herôes nacionaes. Será porque o Sul pense sempre em separar-se, ou lamente a escravidão perdida? Não, é porque na Federação, o cidadão, e portanto, o soldado, tem duas patrias, a menor que é seu Estado, a maior que é a União, e tendo um só coração elle o dá todo ao torrão natal. Foi assim nos Estados-Unidos, seria assim na Suissa. Onde esse sentimento não existe, a federação ainda não creou raizes. O que os Sulistas honrão nos seus grandes soldados é apenas o patriotismo, como elle crystallisa em uma federação verdadeira. As guerras civis pertencem á historia nacional com tudo que ellas têm de heroico e de desinteressado de um e de outro lado.

Outra prevenção é que a revolução vem do estrangeiro. Mais de uma vez temos tido questões graves com o valente e generoso Estado Oriental. Porque? Porque a sua zona da fronteira é povoada por brasileiros. Foi assim em propriedades brasileiras, em fogões brasileiros, que se organisou o movimento de regresso, chamado invasão. Isso prova sómente as amarguras soffridas e difficuldades encontradas. Mas, além disso é muitas vezes nas fronteiras que se abriga a liberdade foragida de um povo. Esse direito de asylo tem mais de uma vez acolhido a causa republicana. Nos tempos de Rosas era na emigração refugiada no Chile que estava a esperança nacional argentina.

Diz se por fim que do lado da revolução não se batem sómente republicanos indiscutíveis, mas republi-

canos suspeitos e até monarchistas. Essa é uma prevenção puramente politica, que não affecta o sentimento geral do paiz. Nos movimentos nacionaes obliterão-se as divisões partidarias. Elles arrastão homens de todas as crenças, nacionaes e estrangeiros, em sua onda. Republicanos e monarchistas combaterão juntos pela Independencia e soffrêrão nas mesmas masmorras: monarchistas e republicanos lutarão unidos pela abolição entrárão juntos no Paço a 13 de Maio. Os principios liberaes formá.ão durante um largo periodo a legitima inviolavel de muitas gerações nossas. E' natural que todos tenham o mesmo interesse nelle.

Afastadas as prevenções, de onde vem a sympathia? Ella procede, póde-se dizer, da intervenção do centro que alterou o character da luta. Se a União não se tivesse envolvido nesse duelo Rio Grandense, senão como testemunha e guarda do terreno, a luta teria despertado pouco interesse além da fronteira do Rio Grande, e se durante ella surgisse alguma bandeira politica, como a parlamentar, por exemplo, as sympathias do paiz se gruparião de modo differente do que hoje estão. O dilemma do Governo era este: ou elle assumia no Rio Grande a dictadura da pacificação, ou julgando-se impotente para essa avocatoria difficil, tolhido de o fazer por algum fetichismo ou beocismo constitucional, deixava a sociedade Rio-Grandense, que afinal tem que viver junta na mesma casa, desaffroatar a sua civilisação de qualquer modo. « Ninguem é mais partidario do que eu, disse um dos actuaes ministros da Inglaterra, da applicação a todo custo da lei, mas ficai certos, só ha um modo de levantar o alicerce de uma administração firme, é sobre uma imparcialidade de ferro. Ao governo interventor faltava esse requisito, sem o qual não ha paz publica.

Então o coração do paiz fixou-se na desigualdade dessa luta em que punhados de homens sem armas, sem

municiões, sem ração, sem roupa, sem abrigo, sem soldo, se atrevião a contestar o dominio politico do seu Estado ao exercito regular de uma grande nação. E' da natureza humana admirar esses rasgos desinteressados. Quem deixará de admirar por exemplo o modo por que o Paraguay sacrificou até a ultima criança, lutando contra tres nações unidas? A chamada invasão Rio Grandense é um desses movimentos que os povos fazem sem uma só contingencia a seu favor para salvar o que vale mais que a vida de uma geração inteira, essa fibra sagrada, que é o verdadeiro talisman de um paiz, porque é della exclusivamente que póde nascer a independencia, a liberdade e a altivez nacional.

Como então não se sentir commovido por esse esforço que está fazendo reviver aos olhos de toda a Pampa a tradição do valor Rio Grandense, que deu ao paiz pelo menos a metade de suas legendas militares?

A *sympathia publica*, porém, não provém sómente da admiração pelo heroismo e da convicção do direito perfeito do Rio Grande á sua autonomia, provém tambem de um duplo receio. Muitas vezes a *sympathia* por uma causa é o proprio instincto de conservação nacional que se revela. O primeiro receio é o de vêr afrouxar por uma reminiscencia ingrata o sentimento que une o Brazil inteiro. A federação é a fórmula natural de governo em um paiz que é quasi um hemispherio, como o Brazil, mas a federação, se é a mais perfeita, é tambem a mais fragil de todas as cohesões nacionaes. Desde que o centro exorbite, o Estado autonomo tende a escapar pela tangente. Se os astros rolão serenamente no espaço é porque ha grandes distancias entre elles. Um Rio Grande do Sul abafado, subjugado como uma colonia politica, seria uma porta aberta, a porta da desolação, a qualquer tentativa contra o Brazil; um Rio Grande, separado, seria o Brazil desfeito de sul a norte.

Ha ainda outro receio. Eu fallo imparcialmente, porque reconheço as difficuldades invenciveis dos que estão querendo resolver um problema insolúvel. A verdade, porém, é que nos estamos habituando a desarmar com uma indifferença, que será excellenté optimismo internacional, mas que não é administração, sobretudo á vista dos sacrificios que o paiz faz para se proteger. Foi assim que estivemos a ponto de ver afundar em nossa bahia um, senão os dous, dos nossos grandes couraçados, que assistimos ao bombardeio da nossa principal fortaleza, que temos tido os nossos corpos de exercito distribuidos como guarnições politicas. Nenhum desarmamento, porém, é tão perigoso como essa *lição de cousas* que estamos dando gratuitamente ao estrangeiro sobre a nossa tactica, a nossa mobilisação, os nossos recursos, os nossos generaes, no que poderia ser eventualmênte o proprio theatro da guerra. Para o estado-maior de uma nação que tivesse interesse nisso, o estudo das operações no Rio-Grande seria um fóco de esclarecimentos tão luminosos, como forão os combates em torno de Valparaizo. Para dispôr sua politica, captar suas amizades, preparar o seu futuro, ahi estão todas as informações precisas. Só falta uma felizmente : a differença entre o que poderia uma nação sob um impulso unanime e o que ella deixa de poder sob um constrangimento tambem unanime.

Estão ahi os motivos da sympathia geral que a revolução inspira. Isto não quer dizer que a opinião se pronuncie antecipadamente sobre o uso que os revolucionarios possão fazer de sua victoria, se a alcançarem ; quer dizer, sim, que ella está convencida de que a sua derrota deixaria uma lesão incuravel no seio da patria, no seu proprio coração, que é a fronteira. Póde haver no fundo dessa emoção uma ou outra esperanza de liberdade ; no geral porém o que ha é admiração pelo heroismo, sentimento do direito da causa, e receio de estremecimento na-

cional. Essa *sympathia* não tolhe o interesse que todo Brasileiro sentirá sempre pelo soldado ou marinheiro nacional que cumpre ordens por mais ingratas que sejam.

E' esse o brado de *sympathia* que parte desta reunião. A *communhão* brasileira está precisando de cultivar a tolerancia que lhe é *innata* porque ha presagios de sérias difficuldades. O nosso papel-moeda degenera em verdadeiros *assignados*; os nossos empréstimos encalhão pela primeira vez no Stock Exchange de Londres; o orçamento com o seu deficit caudal entra na casa dos trezentos mil contos; a divida publica é um labyrintho, a nação já não sabe quanto deve, empréstimos externos, apolices de ouro e papel, emissões bancarias, lastros e bonus, garantias de juros, concessões onerosas, indemnisações reclamadas, dividas federal, estadual, municipal, municipio federal, são parcellas gigantescas, formão algarismos astronomicos, causão a impressão que devem ter sentido os nossos visinhos quando, baldado o empréstimo estrangeiro, virão que economicamente tinham que se devorar entre si como os naufragos da *Medusa*. Ao passo que as difficuldades financeiras se accumulão, as classes pobres que já não se alimentavão bem, lutão com os preços da carestia, e têm diante de si a fome. Com o maior patriotismo, os melhores homens, a approximação entre todos os espiritos desinteressados, a maxima liberdade, serião sempre dias difficeis, e a *sphyng*e esqualida da bancarrota dominaria muito tempo a estrada por onde o paiz todo tem que passar, antes que alguem lhe decifrasse o enigma. Na situação, porém, em que nos achamos, com as ideas administrativas que ha e as paixões politicas que as tornão possiveis, são dias verdadeiramente sombrios.

A Cruz Vermelha surge neste momento como um symbolo nacional apropriado. E' o signal de perigo que se levanta em todas as pontas da costa á approximação da

borrasca. Ainda que ensopada em sangue, é sempre a cruz do Christo.

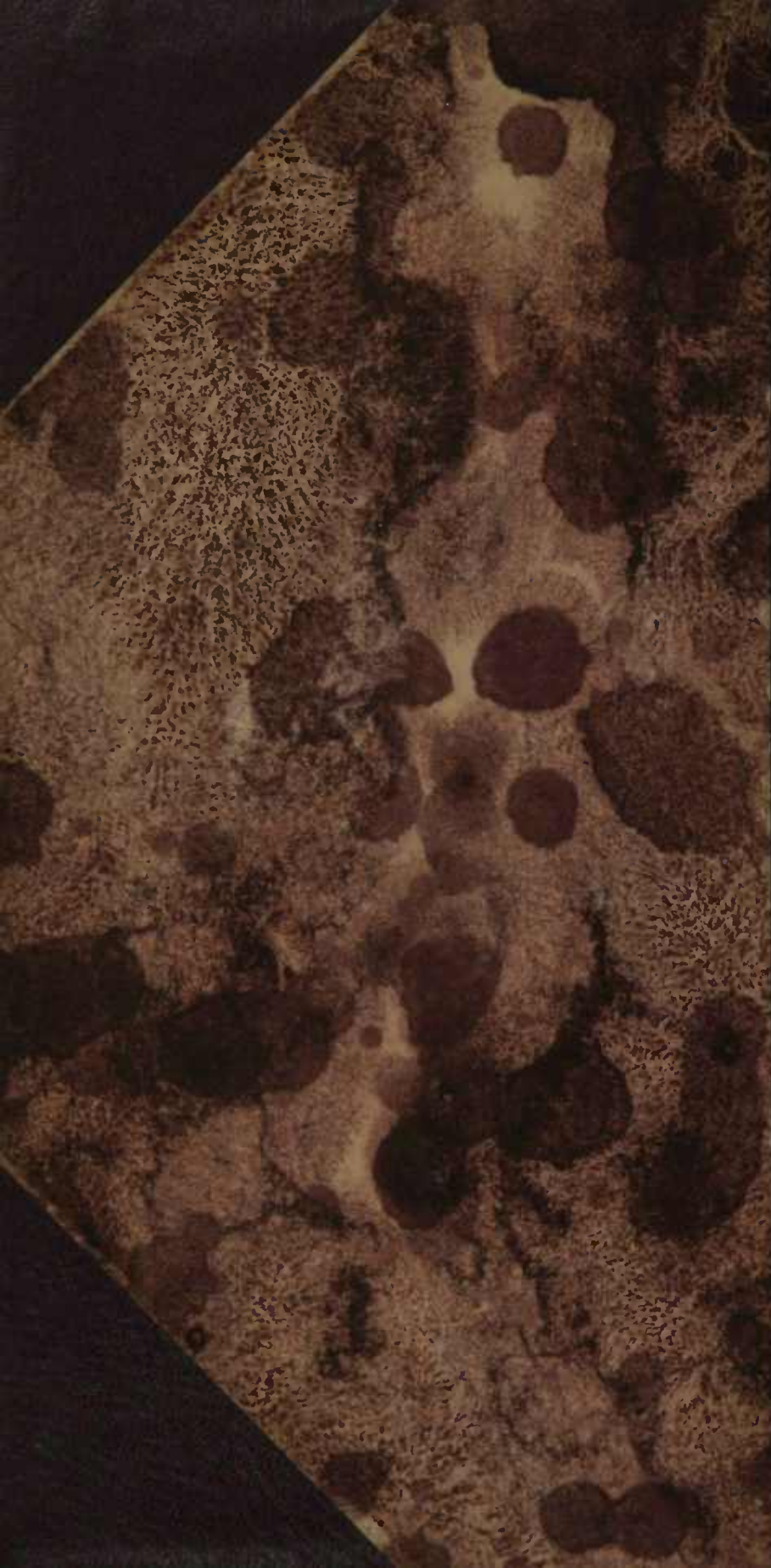
Eu não poderia pela minha parte negar-lhe o meu concurso. Como Pericles dizia da mocidade Atheniense cahida em Marathona – *O anno perdeu a sua primavera*, de um Rio-Grande do Sul, abatido sobre a sua lança pelos *mannlichers* federaes, se poderá tambem dizer : o Brazil perdeu a sua vanguarda. Infelizmente, os que temos a mesma convicção estamos tolhidos de cooperar com os republicanos nas causas liberaes, como outr'ora republicanos cooperavão connosco, pelo exclusivismo da suspeita. Não ha accusação que não nos tenha sido feita !

Accusárão-nos de deprimir o cambio, jogando na baixa, como se jogadores tivessem duvida por escrupulos monarchicos de especular na alta, se vissem tendencia do mercado para subir. Accusárão-nos de desacreditar o Brazil na Europa, como se houvesse exemplo de uma dynastia cahida que tenha respeitado com maior escrupulo no exilio a situação afflictiva de seu paiz. Accusárão-nos de ter querido fazer capital politico com o tratado das Missões e elle foi rejeitado quasi unanimemente pelo Congresso Republicano. Accusárão-nos de explorar as exequias do Imperador, e ellas não tiveram lugar, e até hoje nenhuma voz se levantou para pedir que os restos de Pedro II fossem removidos do deposito mortuario dos reis portuguezes. De nada nos defendemos, porque comprehendemos que somos uma necessidade da administração republicana, como os primeiros christãos o erão da Roma imperial. Não ha nada mais util para um governo do que ter á mão um grupo de homens sobre quem lançar todo resentimento publico. Eu pela minha parte me resigno a viver nesse circulo de desconfiança : ha porém um extremo a que nenhum poder humano póde chegar, é o de exigir, como segundo a Divina Comedia o

exige a justiça divina, dos que assistem á execução dos seus actos, que não sintão compaixão pelas victimas.

O direito da *sympathia*, da compaixão, não o renunciámos, e foi esse o que exerci esta noite. Olhando para os campos talados do Rio-Grande do Sul, acreditai que não pronunciei uma só palavra que não tivesse antes passado pelo crisol do angustioso sentimento que o poeta da Gallia devastada tão bem polio nos seus versos: Guerras prolongadas deformarão os teus bellos campos, mas quanto mais tristes, mais direito elles têm ao nosso amor.... E' crime menor esquecer os seus concidadãos na tranquillidade; o infortunio publico reclama, porém, a fidelidade de todos.

*Illa quidem longis nimium deformia bellis,
Sed, quam grata minus, tam miseranda magis.
Securos levius crimen contemnere cives :
Privatam repetunt publica damna fidem.*



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).